

Criança refugiada em tempos de pandemia – desafios diante das perdas e precariedade do abrigo: riscos à saúde mental – estudo documental

Refugee children in times of pandemic - challenges in the face of loss and precarious shelter: mental health risks - a desk study

DOI:10.34117/bjdv9n1-256

Recebimento dos originais: 16/12/2022

Aceitação para publicação: 16/01/2023

Yasmin Guanaes Silva de Carvalho Farias

Graduada em psicologia pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP)

Instituição: Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP)

Endereço: Av. Dom João VI, 275, Brotas, Salvador, Bahia, CEP: 40290-000

E-mail: yasminfarias17.1@bahiana.edu.br

Isabella Regina Gomes de Queiroz

Doutora em Medicina e Saúde Humana

Instituição: Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP)

Endereço: Av. Dom João VI, 275, Brotas, Salvador, Bahia, CEP: 40290-000

E-mail: isabellaqueiroz@bahiana.edu.br

Lua Maria Bacellar Cal

Mestranda em Psicologia e Intervenções em Saúde pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP)

Instituição: Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP)

Endereço: Avenida Joana Angélica, 1312, Nazaré, Salvador, Bahia, CEP: 40.050-001

E-mail: luacal.pos@bahiana.edu.br

RESUMO

Introdução: Experiências de perda dadas pelo refúgio, agravadas pela pandemia do COVID-19, reeditam e amplificam a condição do desamparo primordial, destacadamente em crianças, cujo psiquismo está constituindo-se. Objetivo: Conhecer como a condição de vulnerabilidade/vulneração (risco à saúde mental) da criança refugiada está sendo tratada em veículos de informação de imprensa, no contexto da pandemia do COVID-19. Método: Qualitativo, exploratório, de estudo documental. Elaborou-se quatro categorias: ‘Dimensão legal’; ‘Xenofobia’ ‘Precariedade do abrigo’; e ‘Perdas e lutos’, sendo foco desse trabalho as duas últimas categorias. Resultados e discussão: Sete notícias retrataram a condição específica da criança, num total de 31 artigos investigados. Na categoria ‘Precariedade do abrigo’ verificou-se crianças em abrigos temporários, ou construídos em matas ou zonas fronteiriças, ou em cárcere. Estes abrigos estão superlotados, em condições sanitárias precárias e com escassez de alimentação. Na categoria ‘Perdas e lutos’, identificou-se as subcategorias: 1) Da cultura e da língua; 2) Da residência; 3) Da família e das crianças desacompanhadas; 4) Da escola; e 5) Do provimento pelo desemprego dos pais. Considerações finais: As crianças refugiadas são forçadas a deixar seus lares, com suas famílias, por estarem em risco de vida, mas, por vezes, estão sozinhas. Seguem em centros de acolhimento, regularmente superlotados, sem

privacidade e acesso a serviços preconizados em lei, onde podem sofrer violência ou rebelião, revivendo a perda da moradia. Assim, estão expostas à riscos psíquicos e de vida. Encontram-se em situação de vulneração, reeditando a condição de desamparo, marcada pela impossibilidade de construção de um laço social e inserção nos contextos sociais, tornando difícil a construção da identificação no novo país. Sem a denúncia necessária, os riscos de esquecimento de tão grave problemática podem se fazer efetivar.

Palavras-chave: refugiados, criança, infecções por Coronavírus, saúde mental.

ABSTRACT

Introduction: Experiences of loss given by refuge, aggravated by the COVID-19 pandemic, re-edit and amplify the condition of primordial helplessness, especially in children, whose psyche is being constituted. **Objective:** To know how the condition of vulnerability/vulnerability (mental health risk) of the refugee child is being treated in the media, in the context of the COVID-19 pandemic. **Method:** Qualitative, exploratory, desk study. Four categories were elaborated: 'Legal dimension'; 'Xenophobia'; 'Shelter precariousness'; and 'Loss and grief', being the focus of this work the last two categories. **Results and discussion:** Seven news articles portrayed the specific condition of the child, in a total of 31 investigated articles. In the category 'Precariousness of the shelter' we found children in temporary shelters, or built in woods or border areas, or in prison. These shelters are overcrowded, in poor sanitary conditions and with food shortages. In the category 'Losses and Grief', the following subcategories were identified: 1) Culture and language; 2) Residence; 3) Family and unaccompanied children; 4) School; and 5) Unemployment. **Final considerations:** Refugee children are forced to leave their homes, with their families, because their lives are at risk, but sometimes they are alone. They stay in regularly overcrowded shelters, without privacy and access to the services required by law, where they may suffer violence or rebellion, reliving the loss of their homes. Thus, they are exposed to psychological and life risks. They find themselves in a vulnerable situation, replaying the condition of helplessness, marked by the impossibility of building a social bond and insertion in social contexts, making it difficult to build an identification in the new country. Without the necessary denunciation, the risks of forgetting such a serious problem can become effective.

Keywords: refugees, child, Coronavirus infections, mental health.

1 INTRODUÇÃO

Considera-se refugiado aquele que sai de seu país de origem por perseguição à questão de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, bem como por grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados¹. O refúgio expõe o indivíduo à situação de vulnerabilidade, dadas as barreiras sociais, culturais e de pertencimento, destacadamente para a criança, cujo psiquismo está se constituindo. Essa situação foi agravada na pandemia por COVID-19².

A legislação brasileira vigente preconiza que, quando necessária a medida de abrigo, deve-se preservar os laços familiares³. Para uma criança refugiada, a família

é, geralmente, o único elemento passível de ser preservado. Nem sempre suas necessidades são consideradas, verificando-se, sobremaneira, abalos na configuração familiar. Ademais, a experiência de abrigo, por si só, já viola o direito à convivência comunitária.

O conceito de desamparo, forjado por Freud⁴, considera que o bebê humano depende do cuidado de um outro, dada sua imaturidade biológica e psíquica. Experiências de perda dadas pelo refúgio, agravadas pela pandemia, reeditam e amplificam a condição do desamparo primordial. A pandemia e o refúgio expõem as crianças a uma vulnerabilidade imigratória⁵, condição essa invisibilizada pela mídia.

Objetiva-se conhecer como a condição de abrigo (risco à saúde mental) da criança refugiada está sendo tratada em veículos de informação de imprensa na pandemia de COVID-19.

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior intitulada “Criança refugiada em tempos de pandemia – invisibilidade e riscos psíquicos: estudo documental” e está inserido no projeto de pesquisa intitulado “Vivências de vulnerabilidades, riscos e sofrimento psíquico na infância”.

2 VULNERABILIDADE E VULNERAÇÃO DAS CRIANÇAS REFUGIADAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

O conceito de refugiado, difere do conceito de migrante, que é o deslocamento voluntário, com proteção estatal, tendo a possibilidade de retorno ao país de origem, sem riscos¹. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), caso as pessoas estejam sob perseguição, têm “o direito de procurar e de beneficiar-se de asilo em outros países”⁶. Crianças refugiadas têm, assim, direito a: educação, saúde, convivência familiar e condição digna de vida.

Quando um país signatário rejeita em seu discurso o refugiado, destitui-o enquanto sujeito - por deixá-lo exposto a trabalho escravo, tráfico de pessoas e outras violências – o vulnerabilizando⁷.

No contexto de saúde, as crianças refugiadas encontram dificuldades de acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS)⁵, fragilizando o enfrentamento à pandemia pela COVID-19. Ademais, incertezas e perdas causadas por este vírus podem provocar sentimentos de raiva, medo da doença e ansiedade pela perda do vínculo com as pessoas, em razão do

distanciamento, adoecimento ou morte⁸. Nesse contexto, as taxas de transtornos mentais na infância, foram intensificadas.

Embora a taxa de mortalidade pela COVID-19 em crianças seja relativamente menor⁹, múltiplas mudanças impuseram-se, como fechamento das escolas, elevada taxa de orfandade em decorrência do alto número de óbitos¹⁰ e diferentes níveis e condições de vulnerabilidade⁹. O conceito de vulnerabilidade cunhado por Ayres integra três dimensões interdependentes: individual, social e programática, considerando que a exposição a uma doença não é homogênea na população em geral¹¹.

O conceito de vulneração é utilizado para referir-se à condição de quem já foi ferido ou traumatizado¹². Nessa direção, será discutida a condição da criança refugiada, destacadamente, em situação de abrigo.

Crianças em situação de abrigamento podem apresentar: fala empobrecida, poucas expressões faciais, choro excessivo, instabilidade emocional, agressividade, ansiedade, além de “uma distorção no desenvolvimento considerado saudável, tornando-se adultos cheios de medos, frustrações e ansiedades”¹³. Há presença de choro, rigidez facial, retraimento e atrasos na constituição da personalidade, recusa de contato, insônia, perda de peso, além de sentimentos de angústia, vingança, culpa e depressão¹⁴. Segundo o Ministério Público Federal (MPF), o desenvolvimento das crianças em abrigos (regularmente, superlotados) pode estar ameaçado pelo risco de violências e abusos¹⁵.

A psicanálise trouxe uma nova perspectiva da criança, sendo esta considerada um sujeito desejante (submetida às leis da linguagem que a determinam) e demandante - não só de objetos, como de amor, para satisfação das suas necessidades¹⁶. Na psicanálise, infância e infantil estão submetidos a estruturas conceituais diversas, referindo-se, a primeira, a um tempo da realidade histórica, e a segunda, enquanto atemporal, a conceitos como pulsão, recalque e inconsciente¹⁷.

A contribuição da psicanálise à clínica do exílio dá-se pela dimensão do “encontro perdido” da repetição traumática, não residindo o trauma exatamente no episódio de violência em si, mas na atualização de uma relação perdida com o outro que está sempre ativa¹⁸. O trauma é um evento que causa uma ruptura da barreira de proteção do psiquismo, ocasionando uma invasão de desprazer e excitações que não estão ligados¹⁹. Relacionado ao que é sabido do luto com a situação dos imigrantes, tem-se que o luto possui duas faces: uma é a função social e a outra se refere a viver a perda (registro da experiência de forma solitária)²⁰.

Em “Luto e Melancolia”, o luto é apresentado enquanto uma reação à perda, podendo ser de uma pessoa ou de algo com as mesmas proporções; é um fenômeno mental, natural e constante na vida do sujeito, sendo uma elaboração deste e pode ser superado após algum tempo²¹.

Pereira e Gil (2014)²², baseados no estudo de Della Pasqua e Dal Molin e Heidegger, destacam os possíveis tipos de luto da imigração:

Tabela 1 Mundanidades de luto no contexto migratório

Mundos da vida	Experiências de luto	Descrição
Mundo circundante	Luto pelo fracasso no processo migratório	Quando o objetivo originário da migração não é alcançado ou há demora, há <i>luto pelo sonho não realizado</i> .
	Moradia	Revela o luto pela sua privacidade ou por menos familiaridade, além da precariedade da moradia.
	Medo	O medo de: sofrer algum ataque contra sua integridade física; (...) ser deportado, descoberto, ser mal interpretado, preferir algo que atraia fúria da população local ou de sofrer penalidades por erros de outros são formas de viver o <i>luto pela liberdade</i> .
	Ausência de uma rede de apoio	(...) De um modo geral, os destinos não se preocupam em realizar uma rede solidária ao imigrante, refugiado ou apátrida que possuem necessidades comuns e específicas (...). vivencia-se sentimento real de abandono e o <i>luto por referências</i> .
Mundo Compartilhado	O peso do fracasso impede de voltar	Quando é possível retornar para casa, mas a promessa no país de destino não se cumpriu (...). A elaboração do luto pela perda do vínculo anterior pode durar uma vida inteira, causando sofrimentos velados tanto para quem imigrou quanto para quem ficou e também precisa redefinir seus vínculos.
	A luta pela sobrevivência	(...) O imigrante vivencia o luto pelo reconhecimento, pela valorização profissional e pelo respeito à dignidade humana.
Mundo Compartilhado	Alimentação	(...) O luto pela alimentação outrora compartilhada, pela comida afetiva que remete a boas lembranças também é um processo doloroso para quem sai de seu país que, muitas vezes, é diminuído pelas instituições e por quem desconhece que a alimentação é mais que sobrevivência, é parte do modo de ser-no-mundo.
Mundo Próprio	Solidão	(...) O luto pela ausência do conhecido e amado é mais expressivo entre aqueles que são obrigados a abandonar seu país em situações extremas que levam ao refúgio e apatridia.
	Ansiedade e ausência de sensação de controle	. O imigrante tem seu bem-estar ameaçado, desenvolvendo doenças típicas ou agravadas por estar nessa condição, vivenciando.
Mundo Próprio	Depressão	A luta pela sobrevivência e a necessidade de sempre se apresentar bem e saudável, pode esconder tristeza, choro, culpa e até ideias de morte, mesmo que esta última não seja frequente.
	Somatização	Cefaleias, fadiga, dores osteomusculares, abdominais e torácicas são condições físicas comuns.
	Estado Confusional	Falhas de memória, de atenção, desorientação física e temporal. Para Della Pasqua e Dal Molin (2009) a confusão pode estar ligada ao fato de ter que se esconder, fazer-se invisíveis, para não serem presos ou deportados.

Nota. Fonte: Adaptado de “Uma leitura da mundanidade do luto de imigrantes, refugiados a apátridas” de R. M. C. Pereira & S. F. Gil F^o, 2014, P. 205-207.

Para Kehl e Fortes (2019)²³, é comum refugiados encontrarem-se em situação de assujeitamento, já que há uma vulnerabilidade econômica e uma dissolução parcial de si.

3 MÉTODO

Adotou-se o método qualitativo, descritivo e exploratório, de pesquisa documental, coerentemente com Gil (2002 e 2008)²⁴⁻²⁵. Utilizou-se artigos publicados entre 6/10/2020 e de 02/2021, em dois jornais e duas revistas de grande circulação: Folha de São Paulo, Estadão, Veja e Carta Capital. A partir da leitura flutuante, pode-se destacar quatro categorias, buscando núcleos de sentidos, coerentemente com Minayo (2007)²⁶: 1) Precariedade do abrigo; 2) Dimensão legal; 3) Perdas e lutos; e 4) Xenofobia. Neste artigo, será dado enfoque aos tópicos Precariedade dos abrigos e Perdas e lutos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As notícias abordam sucintamente as crianças como parte da população refugiada: apenas sete notícias destacam essa realidade específica. Uma notícia somente se referiu à saúde mental dessas crianças. Os documentos estudados abordam as condições de refugiados originados de países latinos, africanos, oriente médio (Síria, Iraque e Palestina) e Ásia meridional (Afeganistão). Poucas narraram o refúgio no continente americano e no Brasil.

4.1 PERDAS E LUTOS

Os seguintes subtópicos foram analisados nessa categoria: 1) Da cultura e da língua; 2) Da residência; 3) Da família e das crianças desacompanhadas; 4) Da escola; e 5) Do provimento pelo desemprego dos pais.

As principais experiências de luto notadas, coerentemente com Della Pasqua & Dal Molin (2009) *apud* Pereira & Gil (2014)²² foram: a) luto pelo fracasso no processo migratório; b) moradia; c) medo; d) ausência de uma rede de apoio; e) o peso do fracasso impede de voltar; f) alimentação; g) solidão; e h) ansiedade e ausência de sensação de controle.

A elaboração do luto pode ser complexa: a criança refugiada não está inscrita num laço social, não tem rede de apoio²⁰. A precariedade de recursos para o trabalho do luto expõe a criança a risco para o psiquismo, predispondo-a ao luto patológico²⁷.

4.1.1 Da cultura e da língua

Os refugiados, pela diferença do idioma, normalmente não conseguem acesso à assistência, e, pela sua cultura, têm dificuldade em cumprir as recomendações da OMS. Os dados encontrados, ainda que poucos, corroboram com a literatura, pois o idioma e a cultura são obstáculos de acesso aos serviços de assistência social.

As crianças refugiadas podem encontrar dificuldade como: impossibilidade de falar o idioma, de ser compreendido ou de compreender e de saber se portar²⁸.

Os profissionais de saúde devem atentar-se às demandas surgidas nesses ambientes, considerando diferenças culturais e respeitando distintas formas de pensar a saúde considerando a realidade de cada família⁹.

Ademais, a criança refugiada pode aprender a língua para se comunicar, entretanto não conseguir o endereçamento da sua fala²⁰.

4.1.2 Da residência

Num contexto geral, percebe-se que as crianças se refugiam com suas famílias ou fogem sozinhas, sendo forçadas a deixar seus lares por estarem em risco de vida. Muitas ficam em pontes e tendas, em situação de intensa precariedade.

Uma reportagem da Folha de São Paulo (2020) ilustra:

“O número de pessoas forçadas a deixar suas casas (...) é estimado em mais de 80 milhões, de acordo com (...) ACNUR (...) Desse total, pelo menos 30 milhões são crianças e adolescentes”²⁹.

A perda do lar para a criança refugiada é complexa, pois há violências e rebeliões em abrigos: ‘Perdemos tudo. Não tenho nada, nada aqui, e não sabemos onde vamos dormir’³⁰.

4.1.3 Da família

Diversas notícias relatam violências contra famílias que buscam refúgio, incluindo preconceito e tratamento indigno, conforme notícia do jornal Estadão sobre a realidade na Guatemala:

“A operação policial fez com que muitas famílias fugissem, incluindo mães com filhos pequenos (...)”³¹

Medidas discriminatórias contra as crianças refugiadas e suas famílias, no Brasil, foram relatadas conforme a Folha de São Paulo:

“(...). São famílias de pessoas honestas sendo tratadas como criminosas. (...) estão correndo um sério risco de serem agredidas.”³¹

No refúgio, ao abandonar seu país em situações extremas e abruptas, tem-se a perda daqueles que são conhecidos e amados, tanto de maneira simbólica, como real. A criança refugiada pode se sentir desamparada no novo país, podendo remeter a lembranças, ausências e sentimentos de desencaixe²².

4.1.3.1 Crianças desacompanhadas

O número de crianças refugiadas desacompanhadas é ascendente. Na pandemia, muitas delas são colocadas em detenção ou abrigos superlotados. Separam-se de suas famílias sem despedida ou elaboração da perda. Diz a Folha de São Paulo: “Muitas das

crianças desacompanhadas disseram que foram separadas de suas famílias quando fugiram de casa no meio da noite (...) sem nada exceto a roupa do corpo (...)”³².

Segue reportagem da Folha de São Paulo:

“As crianças que fugiram para o Sudão estão profundamente marcadas. ‘Sinto saudades de casa’, disse Daniel Yemane, 12, que chegou sozinho, (...) depois de ser separado de seus pais. Ele sonha rever suas duas irmãs menores, brincar e assistir a partidas de futebol com seus amigos e voltar à escola (...) contou que viu cadáveres a caminho da fronteira. (...) ‘Se as coisas continuarem como estão, nunca vou voltar’”³².

Algumas crianças necessitam amadurecer antes do tempo, para lidarem com a violência e conseguirem sustento.

“Quando fala do que sofreu, Ataklti assume ar de adulto (...) ‘Não tive medo’, disse, sobre o trajeto árduo até o Sudão. (...), mas conta que chorou quando encontrou amigos de sua cidade no campo de refugiados”³².

Muitos países determinam o acolhimento das crianças primeiro, para tentar lhes prestar melhores condições. Contudo, com a pandemia, as fronteiras foram fechadas.

“O número de crianças e adolescentes imigrantes desacompanhados detidos por atravessar a fronteira sul dos EUA ilegalmente deve aumentar mais de 50% em fevereiro em comparação com janeiro (...). O governo projeta que cerca de 9.000 crianças e adolescentes terão sido levados em custódia até o final do mês”³³.

Quando desacompanhadas, apresentam um elevado índice de perturbação psicológica e depressão, podendo apresentar altos níveis de angústia³⁴.

Devido ao processo de refúgio, 50% a 90% das crianças refugiadas vivenciam sintomas de estresse pós-traumático³⁵. O governo norte-americano, por exemplo, mantém abrigos particulares para elas, em lugares ermos, destituindo-as da condição de sujeito, tratando-as como objetos de produção de riqueza.

4.1.4 Da escola

A escola para além de sua função primordial de educar, garante, na rede pública, alimentação às crianças. Com o fechamento das escolas na pandemia, o ensino para as crianças em abrigos, por falta de internet, foi precarizado ou interrompido, acarretando violação de um direito e agravando a dificuldade de construção de um laço social.

Conforme reportagem do Estadão:

“O adolescente indica que os refugiados só têm eletricidade por duas horas, no meio da manhã e sete horas à noite (...), e que não há wi-fi (...). Cursos improvisados são organizados nas tendas (...)”³⁶.

Apesar da Convenção de 1951, reforçada pela DUDH, garantir o direito à educação às crianças refugiadas, o fechamento das escolas, acarretou a sensação de tédio e solidão³⁷. Toda uma geração teve sua educação interrompida devido à COVID-19, sendo que metade das crianças refugiadas do mundo estão fora da escola³⁸.

4.1.5 Do provimento pelo desemprego dos pais

As crianças refugiadas necessitam de responsáveis que lhes garantam bem-estar, alimentação, moradia e outros. Porém, se o adulto não consegue emprego ou necessita buscar esses recursos, a criança fica desassistida.

A notícia da Folha de São Paulo ilustra como isso pode afetar as crianças refugiadas:

“(...) Parise, coordenador da Missão Paz (...), se deparou com crianças migrantes perdendo peso e bolivianos e paraguaios retornando a seus países.”³⁹

Assim, os refugiados têm dificuldade em acessar recursos para lhes auxiliar no sustento de seus familiares, incluindo crianças, trazendo insegurança em relação à moradia e alimentação³⁷.

5 PRECARIIDADE DO ABRIGO

A maioria das crianças refugiadas estavam passando tempo prolongado nos centros de acolhimento, em condições precárias⁴⁰, conforme a trecho abaixo da Folha de São Paulo:

“Há crianças de um ano, dois anos, e a ponte é aberta no meio. Imagina se uma mãe acaba cochilando e uma criança escapa? (...)”⁴¹.

Os locais sem abrigo apresentam maior dificuldades, pois ficam em matas ou em escolas, sem acesso a água, saneamento básico e outras condições dignas e seguras, conforme reportagem da Folha de São Paulo:

“(...) Numa região de mata dentro de um bairro pobre da capital do estado, o lugar fica próximo a um riacho (...). Ele é atualmente ocupado por cerca de 40 pessoas, incluindo crianças. Permanecem escondidos das autoridades, tentando evitar uma nova remoção”⁴².

Os fatores de risco à saúde mental de crianças refugiadas são condições ambientais, tempo de permanência em campos e abrigos, escolaridade e situação financeira precária⁴³. Esse desamparo – matriz das situações de trauma – faz com que a criança refugiada depare-se com sua impotência, seguindo em situação de assujeitamento²³.

Os impactos psicológicos do refúgio nessas crianças podem ser: pesadelos, isolamento social, baixo rendimento escolar e sentimento de tristeza⁴³.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, tem-se que as crianças refugiadas encontram-se em situação de vulneração. Nota-se que a situação de desamparo esteve presente em todos os documentos, independente de ser jornal ou revista. Verificou-se uma tendência a abordar a questão de forma mais aprofundada na Carta Capital e Folha de São Paulo.

Esse desamparo é matriz das situações de trauma e faz com que a criança se depare com sua impotência, se encontrando em uma situação de assujeitamento e dificuldade de elaboração de suas perdas, dentre as quais: da cultura, do idioma, da família, da moradia, da escola e do alimento. Agrava essa situação a dificuldade de fazer o endereçamento do seu sofrimento a quem possa escutá-la, mediante sua singularidade entrelaçada à sua cultura, estando, assim, em uma dinâmica de privação relacionada à linguagem – constitutiva do psiquismo.

A conjuntura aqui apontada segue invisibilizada por importantes veículos de informação. Sem a denúncia necessária, os riscos de esquecimento dessa grave problemática podem efetivar-se e os recursos fundamentais ao cuidado não se fazerem urgentes, como requer essa situação. Diante do novo panorama de guerra entre Ucrânia e Rússia, urge averiguar a situação dessas crianças refugiadas.

REFERÊNCIAS

- 1- Refugiado x Migrante. ACNUR Brasil [Internet]. Disponível em: <https://help.unhcr.org/brazil/asylum-claim/refugiado-x-migrante/>
- 2- Dubey S, Biswas P, Ghosh R, Chatterjee S, Dubey MJ, Chatterjee S, et al. Psychosocial impact of COVID-19. *Diabetes & Metabolic Syndrome: Clinical Research & Reviews* [Internet]. 2020; 14(5):779–88. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7255207/>
- 3- Ministério do Desenvolvimento Social. Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes [Internet]. Brasília: MDS; 2018. Disponível em: https://www.mprs.mp.br/media/areas/infancia/arquivos/conanda_acolhimento.pdf
- 4- Freud S. A interpretação dos sonhos. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud [Internet]. Rio de Janeiro: Imago; 1980. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmundobras-completas-imago-vol-04-1900.pdf> (1)
- 5- Fundação Oswaldo Cruz. Pessoas migrantes, refugiadas, solicitantes de refúgio e Apátridas [Internet]. Brasília: Fiocruz; 2020. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2020/05/crianc%CC%A7as_pandemia.pdf
- 6- Organização das Nações Unidas. (1948). Declaração Universal dos Direitos Humanos. [Internet]. Paris: 1948. Disponível em: https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr_translations/por.pdf
- 7 – Silva MBD, Vieira RA, Oliveira MD. A psicologia no âmbito das migrações contemporâneas. In: BJ Mäder, organizator. *Caderno de psicologia e direitos humanos: compromisso com a transformação da realidade*. Curitiba: CRP-PR; 2016. p. 35-61.
- 8 - Panksepp J. *Affective Neuroscience: The Foundations of Human and Animal Emotions*. Nova Iorque: Oxford University Press. 1998 apud Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância. *Repercussões da pandemia de COVID-19 no desenvolvimento infantil*. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. [Internet]. 2020; p.15. Disponível em: <https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Working-Paper-Repercussoes-da-pandemia-no-desenvolvimento-infantil-3.pdf>
- 9- Fundação Oswaldo Cruz. *Crianças na pandemia COVID-19* [Internet]. Brasília: Fiocruz; 2020. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%CC%A7as_pandemia.pdf
- 10- TV Justiça Oficial. Documentário – Órfãos – a vida de quem ficou [Internet]. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2oWD-8srZEs>
- 11- Ayres JRCM, Calazans GJ, Filho, HCS, Júnior IF. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: Campos GWS, Minayo MCS, Akerman M, Júnior MD, Carvalho YM. *Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo: Hucitec Editora; 2006.
- 12- Schramm FR. Vulnerabilidade, vulneração, saúde pública e bioética da proteção: análise conceitual e aplicação. In: *Ética e pesquisa com populações vulneráveis*, Rio de Janeiro: Ed. EdUFRJ; 2012 apud Domingues R. *A vulneração socioambiental advinda do*

Complexo Industrial Portuário de Suape: a perspectiva dos moradores da Ilha de Tatuoca [Trabalho de Conclusão de residência multiprofissional]. Recife: Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz; 2014. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/28603/1/223.pdf>

13- Rayane DB, Sousa DHAV. Privação afetiva e suas consequências na primeira infância: um estudo de caso. *Revista InterScientia* [Internet]. 2018; 6(2): 90–111. Disponível em: <https://doi.org/10.26843/interscientia.v6i2.721>

14- Diniz I, Assis M, Souza M. Crianças institucionalizadas: um olhar para o desenvolvimento socioafetivo. *Pretextos - Revista Da Graduação Em Psicologia Da PUC Minas*. 2018; 3(5): 261–285.

15- Raffoul J. A (in)observância dos direitos das crianças refugiadas venezuelanas em Roraima. *Brazilian Journal of International Relations*. 2020; 9(2): 375-404.

16- Prizskulnik L. A criança sob a ótica da psicanálise: algumas considerações. *Revista de Psicologia da Vetor Editora* [Internet]. 2004; 5(1), 72-77. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142004000100009

17- Zavaroni DML, Viana TC, Celes LAM. A constituição do infantil na obra de Freud. *Revista Estudos de Psicologia* [Internet]. 2007; 12 (1), 65-70. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/THrZvYF8GzLyy7XRDk7BPSp/abstract/?lang=pt>.

18- Indursky AC, Conte BS, Feijó D, Didonet L. Do exílio ao asilo: escutas clínicas. In: Pinho DN, Bulhões MA, editors. *Desamparo e Vulnerabilidades*, Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre [Internet]; 2014: 1(1), 07-243. Disponível em: https://appoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista_45_46.pdf

19- Freud S. Além do princípio do prazer. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990 apud Kehl M, Fortes MI. De uma clínica do refúgio: violência, trauma e escrita. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [Internet], 2019: 22(3), 520-539. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/MGzLLsWcBxdkS49mW87NC7m/?format=pdf&lang=pt>

20- Costa A. Um luto impossível: efeitos de trauma em imigrações. In: Pinho DN, Bulhões MA, editors. *Desamparo e Vulnerabilidades*, Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre [Internet]. 2014: 1(1), 07-243. Disponível em: https://appoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista_45_46.pdf

21- Freud S. Luto e Melancolia. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud [Internet]. Rio de Janeiro: Imago; 1996. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/>

22- Pereira RMC, Gil SFF. Uma leitura da mundanidade do luto de imigrantes, refugiados e apátridas. *Revista GeoTextos* [Internet]; 2014: 10(2), 191-214. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/10116/8810> apud Della Pasqua L, Dal Molin, F. Algumas considerações sobre as consequências sociais e psicológicas do processo migratório. *REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* [Internet]; 2009: 30(64). Disponível em:

<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/viewFile/147/139>. Acesso em 10 de abr. 2014

23- Kehl M, Fortes MI. De uma clínica do refúgio: violência, trauma e escrita. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [Internet]. 2019: 22(3), 520-539. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/MGzLLsWcBxdkS49mW87NC7m/?format=pdf&lang=pt>

24- Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa [Internet]. São Paulo: Atlas; 2022. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf

25- Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social [Internet]. São Paulo: Atlas; 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>

26- Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC; 2007.

27- Campos EBV. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. Revista de Psicologia da UNESP [Internet]. 2013: 12 (1), 13-24. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n1/a03.pdf>

28- Silva MBD, Cremasco MVF. O sofrimento psíquico do sujeito em condição de estrangeiro [dissertação de mestrado Internet]. Paraná: UFPR; 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/42445> apud Silva MBD, Vieira RA, Oliveira MD. A psicologia no âmbito das migrações contemporâneas. In: BJ Mäder, organizador. Caderno de psicologia e direitos humanos: compromisso com a transformação da realidade. Curitiba: CRP-PR; 2016. p. 35-61.

29- “Em meio à pandemia de COVID-19, mundo bate recorde de 80 milhões de refugiados e deslocados”. Folha de São Paulo [Internet]. 2020 Dez 9. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/em-meio-a-pandemia-de-covid-19-mundo-bate-recorde-de-80-milhoes-de-refugiados-e-deslocados.shtml>

30- “Alemanha e França apresentam plano para abrigar crianças migrantes após incêndio na Grécia”. Estadão [Internet]. 2020 Set 10. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,alemanha-e-franca-apresentam-planopara-abrigar-criancas-migrantes-apos-incendio-na-grecia,70003432721>

31- “Guatemala dispersa caravana de imigrantes e libera estrada bloqueada”. Estadão [Internet]. 2021 Jan 18. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,milhares-deimigrantes-hondurenhos-viajam-a-pe-em-caravana-com-destino-aos-eua,70003585264>

32- Dahir AL. “Obrigadas a sair de casa, muitas vezes sozinhas, crianças são mais afetadas pelo conflito no Tigré”. Folha de São Paulo [Internet]. 2020 Dez 21. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/12/obrigadas-a-sair-de-casa-muitas-vezessozinha-criancas-sao-mais-afetadas-pelo-conflito-no-tigre.shtml>

- 33- “Aumenta número de crianças detidas por travessia ilegal na fronteira sul dos EUA”. Folha de São Paulo [Internet]. 2021 FEV 27. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/02/aumenta-numero-de-criancas-detidaspor-travessia-ilegal-na-fronteira-sul-dos-eua.shtml>
- 34- Antiss H, Ziaian T, Procter N, Warland J. Help-seeking for mental health problems in young refugees: a review of the literature with implications for policy, practice, and research. *Transcultural psychiatry*; 2009: 46, 584–607 apud Antunes JAPJ. *Refugiados e saúde mental: acolher, compreender e tratar*. Revista Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde [Internet]. 2017: 18(1), 115-130. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/362/36250481010.pdf>
- 35- Lustig SL, Kia-Keating M, Knight WG, Geltman P, Ellis H, Kinzie JD et. al. Review of child and adolescent refugee mental health. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*; 2004: 43, 24–36 apud Endale T, St. Jean N, Birman D. COVID-19 and refugee and immigrant youth: a community-based mental health perspective. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy* [Internet]. 2020: 12 (1), 225-227. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32478552/>.
- 36- Pazianou A, Papanikolaou N. “Vida nos acampamentos de imigrantes na Grécia piora enquanto inverno se aproxima”. Estadão [Internet]. 2020 NOV 24. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,vida-nos-acampamentos-deimigrantes-na-grecia-piora-com-chegada-do-inverno,70003526090>
- 37- Endale T, St. Jean N, Birman D. COVID-19 and refugee and immigrant youth: a community-based mental health perspective. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy* [Internet]. 2020: 12 (1), 225-227. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32478552/>.
- 38- Coming together for refugee education. ACNUR Brasil [Internet]. 2020. Disponível em: <https://www.unhcr.org/publications/education/5f4f9a2b4/coming-together-refugeeeducation-education-report-2020.html>
- 39- Cruz BS, Marins C. “Pandemia expõe fragilidade de imigrantes sem documentos e gera pressão por regularização”. Folha de São Paulo [Internet]. 2020, SET 4. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/treinamento/2020/09/pandemia-expoe-fragilidade-deimigrantes-sem-documentos-e-gera-pressao-por-regularizacao.shtml>
- 40- Refugee and migrant crisis in Europe. United Nation Children’s Fund [Internet]. 2018. Disponível em: <https://www.unicef.org/eca/sites/unicef.org/eca/files/2019-04/Refugee%20and%20migrant%20crisis%20in%20Europe%20consolidated%20report%202018.pdf>
- 41- Baran K. “Paraguaios que tentam sair do Brasil ficam retidos por dias na Ponte da Amizade”. Folha de São Paulo [Internet]. 2020 ABR 28. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/paraguaios-que-tentam-sair-do-brasilficam-retidos-por-dias-na-ponte-da-amizade.shtml>
- 42- Pires JP. “Com medo de remoção, imigrantes venezuelanos se escondem no mato em Boa Vista”. Folha de São Paulo [Internet] 2020 JUN 24. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/06/com-medo-de-remocao-imigrantesvenezuelanos-se-escondem-no-mato-em-boa-vista.shtml>

43- Bezerra CB, Borges LM, Cunha MP. Filhos das fronteiras: revisão de literatura sobre imigração involuntária, infância e saúde mental. *Revista CES Psicologia* [Internet]. 2019, 12(2), 26-40. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2011-30802019000200026&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. doi: 10.21615/cesp.12.2.3